
ARTIGO DE REFLEXÃO

O QUE OS OLHOS NÃO VEEM...DESAPARECE!!!!!!!

What eyes do not see.... disappear!!!!!!!

Lo que los ojos no miran... desaparece!!!!!!

Maria Aparecida de Luca Nascimento¹

Resumo

Trata-se de um ensaio sobre segurança no transporte de crianças, a partir de um fato ocorrido na atualidade, com o objetivo de provocar uma discussão sobre o tema. A autora revela seu pensamento a respeito do problema e propõe que a criança deva permanecer sempre no campo visual do motorista, a fim de que a mesma não seja “esquecida”, e que os veículos automotivos não sejam vedados com filmes que impeçam a visão de fora do carro, em razão da falsa sensação de segurança que o mesmo oferece.

Descritores: segurança, criança, veículo automotor, transporte.

Abstract

This is a reflection on safe transport of children from an event that happened today with the aim of provoking a debate on the topic. The author reveals her thinking about the problem and proposes that the child should always remain in the driver's visual field, so that he/she do not be “forgotten” and that motor vehicles do not be sealed with films that prevent the vision out of the car, because of the false sense of security it offers.

Keywords: child, transport, safety, motor vehicles.

Resumen

Esta es una reflexión sobre el transporte seguro de los niños con base en un evento que ocurrió recientemente, con el objetivo de provocar un debate sobre el tema. El autor revela su pensamiento sobre el problema y propone que el niño siempre debe permanecer en el campo visual del conductor, de modo que no sea “olvidado” y que los vehículos de motor no sean sellados con películas que impiden la visión del coche, debido a la falsa sensación de seguridad que ofrece.

Descriptores: niño, transporte, seguridad, coche.

¹ Enfermeira – Orientadora Acadêmica do Programa de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO – Doutora em Enfermagem – Sócia Fundadora da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras (SOBEP) – Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Estudos e Experimentos da Área de Saúde da Mulher e da Criança (NuPEEMC) da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP) da UNIRIO.

Ainda sob o luto provocado pela morte de mais uma criança esquecida no interior de um carro, passei a tentar entender, isentando-me de qualquer juízo de valor, quais os fatores que poderiam contribuir para que isso acontecesse, considerando que já é o segundo caso que se tem notícia no Brasil.

Os jornais veicularam a explicação de um profissional que creditava o referido fato à quebra da rotina das pessoas, aliada a seu estresse e às suas múltiplas atividades, que são desenvolvidas no cotidiano. Nada mais se falou a respeito...Fiquei pensando se seriam esses os únicos fatores, pois, como não ter múltiplas atividades no mundo de hoje? Como ter certeza de que a rotina não será quebrada?

Tomei a iniciativa de escrever a respeito, sem a menor pretensão de “descobrir a pólvora”, mas por um dever de cidadã, ao chegar a algumas conclusões, depois de testar, observar, perguntar às pessoas a respeito...

Por meio de um raciocínio indutivo, os passos são os seguintes:

A criança deve ser conduzida na cadeirinha dela, que deve ficar acoplada ao banco do motorista, por ser mais seguro do que a deixar acoplada ao banco traseiro, (pois, no caso de uma colisão por trás, a criança não absorverá o maior impacto). Sendo assim, ficando acoplada atrás do banco do motorista, a criança SOME, literalmente, da visão do motorista, pois ao olhar pelo retrovisor interno, a criança não estará em seu raio de visão. O mesmo acontecerá se a criança, apesar de menos seguro, tiver sua cadeirinha acoplada ao banco traseiro, mas fora do raio de visão do motorista.

Assim, é muito comum, colocar a criança na cadeirinha, ligar o ar condicionado, baixinho, para não incomodar, o que, normalmente, a induz ao sono. Sendo assim, o motorista não a vê, e não a ouve. Foram suprimidos dois de seus cinco sentidos.

Pois bem, depois de alguns quilômetros no trânsito, amenizados pelo uso do ar condicionado e pelo vidro com FILME, o motorista está sem o estímulo luminoso e sonoro do exterior. Resumindo, se o corpo humano é uma máquina, esses estímulos, ao serem suprimidos, deixam de acionar sistemas de alertas, como aqueles que acionamos ao ouvir a sirena de uma ambulância...

Chegando ao destino, e se ele não for aquele onde a

criança deverá ficar, daí a relação com a quebra da rotina, o motorista abre a porta do carro, sai, e ao fechá-la, qual é seu campo de visão? É a parte dianteira do interior do veículo, pois, a parte traseira, onde está a cadeirinha da criança, está escondida pela coluna do carro e pelo FILME. Ou seja, do lado de fora, a criança não é vista, nem mesmo pelo motorista, que embora esteja perto do carro, com a porta aberta, agora está do lado de fora, onde a visibilidade do interior do carro é quase nenhuma.

O FILME, em nenhum momento foi citado pela mídia, nem mesmo, quando ao ser entrevistada, uma moradora do local onde o carro ficou estacionado sob sol forte, mencionou que se visse a criança em seu interior, poderia ter quebrado o vidro e retirado-a.

Porque nos acostumamos tanto com a proteção do FILME, a ponto de não o mencionar, como se fosse normal sua utilização? Será que é por que ele nos dá a falsa impressão de estarmos seguros, vítimas que somos de mais essa violência, que é ver morrer crianças indefesas, quietinhas em suas cadeirinhas?????

Certa vez, ao dirigir ouvindo rádio, com o ar condicionado ligado, ouvi, ao longe, o barulho de uma sirena. Apesar de “parecer ao longe”, o ruído era de um carro de polícia que fazia sinal para eu parar, quase encostando em meu pára-choque traseiro. Mas, como eu estava com os vidros fechados, o que fazia o ruído parecer “ao longe”, e ouvindo música, quando me dei conta, os policiais estavam um pouco irritados...

Apesar de ser de manhã e numa rua movimentada, senti medo, pois os policiais estavam com as armas à mostra, e pela conduta deles, parecia que não tinham dúvidas de que o meu carro era, na realidade, o carro que eles perseguiam...

Imediatamente, assim que vi a cena, abri o vidro e apontei para o local que iria parar, mas, quando viram a mão feminina e com esmalte vermelho, na mesma hora acenaram para que eu continuasse meu caminho...Eu usava FILME nos vidros, e eles não puderam me ver pelo retrovisor lateral, o que seria possível se o vidro fosse transparente...E se fosse à noite???? E, se com medo eu não parasse??? Será que o risco que se corre por ser vista no interior do veículo, não é o mesmo que se corre por não ser vista????

Será que o uso do filme nos vidros dos automóveis

não está possibilitando tragédias como a dos policiais que atiraram por engano em uma criança no interior de um carro???? Será que os sequestros relâmpagos, quando a vítima fica sob a mira das armas, não está sendo privilegiado por essa “cortina”, que foi incorporada com grande adesão nas grandes cidades, onde todos nós, ficamos morrendo de medo o tempo todo????

Por via das dúvidas, é bom pensar nesse fato e nessa tecnologia que nos protege e, ao mesmo tempo nos expõe, que nos esconde até de nós mesmos, a ponto de não identificá-la como uma das possíveis causas desses

acidentes.

Pelo menos, algumas atitudes simples podem ser tomadas em relação às crianças. Se o motorista for transportá-la sozinho, o vidro TEM de ser transparente, para que ela seja vista por todos, inclusive por ele, ao fechar o carro, ou por alguém que passar na rua, que poderá quebrar o vidro e retirá-la, no caso de uma eventualidade...

Para proteger a criança, é essencial que ela seja vista, pois ao escondê-la atrás de um vidro escuro, os sentidos nos traem, e quando os olhos não veem...o coração despedaçado, é quem paga!!!!!!